
O Som Manifesto¹

Franz Manata

Dourando do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Comunicação e Estética na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

Discute-se, aqui, o *som manifesto*, enquanto dimensão comunal da Terra que, na condição de energia, é percebida segundo o modo existente. Para investigar aquilo que lhe é próprio — as afecções, a energia e o toque — aproximo Espinosa, Deleuze e o "realismo especulativo". E, a fim de exemplificar essa *metafísica do modo existente*, aciono o artista Guilherme Vaz.

PALAVRAS-CHAVE

Arte sonora; Arte brasileira; Filosofia; Comunicação; Multinaturalismo.

CORPO DO TEXTO

De início, é preciso considerar o som para além da capacidade de percepção dos sistemas auditivos dos animais, e que emití-lo não é uma exclusividade nossa. Que os sons pertencem a todos fenômenos gerados pelos corpos do mundo; da célula à intempérie, da fala à consciência... Portanto, para investigar aquilo que lhes é próprio: as afecções, a energia e o toque, precisamos entender como a *dimensão sônica do modo existente* age enquanto um articulador não só do espaço social, mas também, da ação mútua dos demais corpos, animados ou não, reais ou ficcionais, em sua manifestação subatômica ou ambiental, enquanto depositário da materialidade informacional e de ressonância energética.

O som Primordial

Antes do primeiro grunhido ou mesmo da palavra surgir, podemos dizer que já tínhamos uma relação atávica com o som. O som das águas está ligado ao nascimento da nossa espécie, quando nos distanciamos dos anfíbios e quando produzimos nossos descendentes. Segundo o autor, "O oceano de nossos ancestrais encontra-se no útero

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

aquoso de nossas mães e está quimicamente relacionado com ele." Jean-Luc Nancy vai dizer que,

O contato [primordial] era essencialmente auditivo, e a própria audição era refratada segundo todo o prisma do pequeno corpo imerso em um ressonador líquido no qual o outro corpo o envolve. O som desse corpo, de seu coração, de suas entranhas, e os sons do mundo exterior tocavam, ao mesmo tempo, suas orelhas, seus olhos fechados, suas narinas, seus lábios e toda a sua pele imensa. (...) 'Tocar', entretanto, seria dizer mais e, no entanto, já era disso que se tratava: é o primeiro *rühren*, a primeira onda, e a ondulação que se embala o que ainda não nasceu (Nancy, 2017, p. 17).

Sabemos que emitir sons não é privilégio só dos humanos, todas as espécies animais também emitem, mas não só: os vegetais e minerais também. Todas as coisas - animadas ou inanimadas - vibram e emitem som; das células à consciência, toda e qualquer ação ressoa, toca, reverbera e contamina.

É a condição energética do som, que propicia a percepção dessa infinidade de eventos, que surgem por uma ação, um desejo, uma relação causal, um fenômeno natural..., que não se dá unicamente ou isolado, mas se integra ao todo. Somos atravessados pela *dimensão sônica*, que perpassa não só nossas vidas, costumes e mentes, e tudo mais ao redor, numa reverberação em estado de conaturalidade, num todo cacofônico e uníssono, que são *percebidos* segundo endereçamento, repertório, possibilidades e modo existente.

O éthos sonoro

Baseado na noção de que " tudo é número", os Pitagóricos desenvolveram relações numéricas entre todos os aspectos da Natureza e da vida. A tradução de um dado da percepção humana em números inaugurou novos campos de investigação filosófica e científica específicos, agora, a poesia, a dança, a performance, as circunstâncias de realização, a acústica, os timbres, os tons, os parâmetros de altura, as distâncias intervalares, e tudo mais poderia ser objeto de investigação. Assim, os modos musicais adquirem função especial e passam a ser associados ao comportamento e a virtudes de um povo. Tanto Platão (*A República*) quanto Aristóteles (*Política*) se ocuparam, filosoficamente, em estabelecer as conexões entre os modos musicais e os aspectos do comportamento, ou do éthos.

O som - e particularmente a música - teve um papel considerável na construção do processo de cognição e socialização. Porém, na Grécia Antiga, tal fato foi elevado a outra dimensão ao associar a mitologia e a técnica, à ciência, tornando o modo e o tempo das músicas modais - além de um importante constructo de mobilização e participação -, o responsável pela produção coletiva do tempo, pela realização da existência e da percepção de presença.

No interior contínuo de tudo

É preciso esclarecer que o modo e o modal encontram-se não só na infinidade de diferentes escalas modais, que são paradigmas construídos no interior das culturas, que possuem acentos étnicos característicos e está diretamente ligado à paisagem sonora. Além da experiência propiciada pela dimensão musical, e do fato de que o modo e o modal marcam nossa paisagem em termos da "organização dinâmica do mundo", também afetam nosso modo existente, ao participar da "produção coletiva do tempo", em sua dimensão comunal, por meio das *afecções* como proposto por Espinosa, cujas noções fundamentais se assentam na substância, no atributo e no modo. Nos parece possível, neste ponto, aproximar da virada ontológica conduzida pelo "Realismo especulativo"², se considerarmos as afecções como este encontro pontual de um corpo com o outro - não só o humano, mas qualquer um -, que é acionado pela energia.

² "Realismo especulativo" é uma forma de epistemologia e metafísica volta para os existentes em si mesmos, que teve seu estabelecimento formal em um seminário no Goldsmiths College, Universidade de Londres em 27 de abril de 2007, com a apresentação e publicação dos trabalhos de Quentin Meillassoux, Iain Hamilton Grant, Graham Harman e Ray Brassier.

Tal entendimento, que começou a emergir em meados dos anos 1990, se consolida no esteio da "virada especulativa", que promove uma nova pauta de reflexão filosófica na qual objetos ou entes não humanos se tornam alvo central das questões teóricas e investigações empíricas, via autores como Bruno Latour, Isabelle Stengers, Lee Braver, Steven Shaviro, Levi Bryant, Ian Bogost, Nick Smicek, Timothy Merton, Manuel Delanda, e outros.

Podemos dizer que o "Realismo Especulativo" se situa nas tendências filosóficas recentes, caracterizadas como "Teoria Ator-Rede", "Teoria das Coisas", "Ontologia Orientada a Objetos", e "Materialismo Vibrante". Segundo David Joselit, Carrie Lambert-Beatty e Hal Foster, pelo menos quatro movimentos caracterizam esses discursos:

• *Tentar pensar a realidade dos objetos para além dos significados e usos humanos. Essa outra realidade está muitas vezes enraizada na "coisidade" ou em uma materialidade animada.*

• *Afirmar que humanos e objetos formam redes ou agenciamentos através dos quais a agência e até mesmo a consciência são distribuídas.*

• *Passar da epistemologia, em toda a sua relação com a crítica, para a ontologia, onde o ser das coisas é valorizado ao lado do das pessoas.*

• *Situar a modernidade no tempo geológico com o conceito de "Antropoceno", uma era definida pelos efeitos ecológicos destrutivos da indústria humana. ** [em tradução livre do autor]

Para maior compreensão do tema vale conferir OCTOBER 155, Winter 2016, pp. 3–110. © 2016

Quando sofremos suas afecções somos afetados pelos outros corpos, e assim sofremos uma alteração, uma passagem. Sobre este aspecto Deleuze vai dizer que

toda potência é inseparável de um poder de ser afetado, e esse poder de ser afetado encontra-se constante e necessariamente preenchido por afecções que o efetuam (DELEUZE, 2002, P. 103).

Se assim entendermos, podemos considerar o atributo do modo - que se manifesta via a *dimensão sônica* em sua natureza comunicacional - como algo comum a todos os corpos, animados ou inanimados, sencientes ou não. Não se trata de uma propriedade exclusiva dos iguais, mas algo que permite a manifestação do comum na diferença, através da troca daquilo que lhes é próprio, as afecções, a produção de energia e o toque.

Nestes termos, a *dimensão sônica* do modo existente se consubstancia enquanto presença nos corpos como um fato total, que, enquanto ethos sonoro, age como *dispositivo social*, como uma espécie de articulador não só do espaço social na produção de presença, mas também na ação mútua de todos os demais corpos, animados ou não, reais ou ficcionais. Tal entendimento nos permite abordar o estado das coisas e a condição de existência não só das pessoas humanas, mas também dos demais animais, e dos minerais, na sua manifestação ambiental ou subatômica, enquanto depósito da materialidade informacional e de ressonância energética.

Podemos dizer, assim, que o modo possui uma natureza manifesta, cuja existência é multinatural em virtude da causa em si - a manifestação energética da *dimensão sônica* em seu aspecto informacional -, o que o afirma como uma potência infinita de existir, e o som manifesto.

A metafísica do modo existente

Certa vez, ao falar desse instrumento simples, mas mágico: o maracá - que produz um som particular com o chacoalhar de sementes dentro de um pequeno bulbo de madeira em forma esférica -, Guilherme Vaz narra como entendeu que seu som 'limpava' o ar e o "prepara" para não só a música que seria cantada e contemplada, mas como também "limpava" a "energia da floresta". Descrevendo seus "mistérios", vai dizer que o maracá é o "começo de tudo" e que "não se manifesta de uma vez para as pessoas". É algo misterioso porque habita "o quintal dentro de nós, um mundo onde se

movem as percepções, dos seres e das coisas, a mata” (Vaz *apud* Manta, 2016, p. 287) Algo que dizia ter descoberto em meio à imensidão amazônica com os índios ikolens. Foi nesses tempos que pôde entender o maracá, sua força, seu continente *modal* e, assim, construir seu *modo* enquanto cosmovisão.

Para Guilherme “o segredo está no corpo”, mas num corpo social que se dá de forma ingênita, que é estabelecida pelo som e o ato perceptivo, sobre tudo e todas as coisas: das matas, aos entes, aos seres. Segundo Gerd Bornheim (1967), "trata-se de uma vivência, de uma experiência de ser (e em última análise de ser), e não de conhecer”.

Foi na escala modal que Guilherme encontrou sua conexão com o tempo da terra. E para ele, o instrumento de ligação é o maracá. Tal entendimento fez com que Vaz ligasse sua humanidade aos mundos e aos seres que o habitam, numa dimensão cosmológica. Uma espécie de "endoantropologia", como diz Viveiros de Castro, uma "antropologia de nós mesmos” (Viveiros de Castro, 2018, p. 23). É como se aceitasse a oportunidade e a relevância desta tarefa de

penser autrement” (Foucault) o pensamento - de pensar "outramente", pensar outra mente, pensar com outras mentes - é comprometer-se (...) com um projeto artístico de natureza antropológica e de imaginação conceitual, que seja (...) "sensível à criatividade e reflexividade inerentes à vida de todo coletivo, humano e não humano (Viveiros de Castro, 2018, p. 25).

Uma espécie de "aliança como síntese disjuntiva” (Viveiros de Castro, 2018, p. 183).

Por isso propôs o "deslítico do universo":

Denominamos falso e artificial o litígio anterior não servindo à diversidade mas ao contrário à homoinstancialidade hegemônica. (...) Queremos propor também não somente a história do homem mas também a dos falcões, a do gavião-real do Amazonas, a dos cervos indianos, a do leopardo branco do Himalaia, a da baleia-azul, a do puma dos Andes, entre muitas outras. Estamos dizendo em todos os sentidos que todos os seres vivos possuem linguagem e mesmo os minerais a possuem (Viveiros de Castro, 2018, p. 256).

E segue indagando:

O que isso significa para a arte? Por que é importante essa posição para a arte praticada pelo homem atual e anterior? Em primeiro lugar, e mais importante, ela combate o antropocentrismo letal presente na cultura e na arte ocidental, onde cegos conduzem cegos por ruas de tráfego. Existem sinais claros de arte em todos os seres vivos, inclusive nos translúcidos. Em segundo, e não menos importante, ela irmana o homem com todo o universo engrandecendo-o pela humilhação de sua arrogância homogênea. Estamos propondo o deslítico do universo. Estamos propondo a convivência de todas as

civilizações do universo, conhecidas ou não (Viveiros de Castro, 2018, p. 256).

Uma ressonância física no corpo dado pela vitalidade rítmica, própria do fenômeno físico causado pela música e o som em nossos corpos, mas uma ressonância interna, no âmbito mental do autoconhecimento e alteridade; e externa no plano da ação social de uma transformação objetiva no mundo.

Podemos dizer que a prática artística de Guilherme Vaz, no geral, é modal em seu ethos - no sentido do vínculo ao comportamento: o modo de existência - e em particular, no sentido musical, *neomodal*. Que, em sua existência multinatural, conjuga o corpo à dimensão epistemológica, enquanto modo existente; o som a seu aspecto ontológico, quanto a construção do indivíduo; e a arte em sua relação com o meio, onde se revela a dimensão cosmológica; construindo assim uma metafísica do modo existente.

REFERÊNCIAS

- APTER, Emily; ATKINS, Ed; AVANESSIAN, Armen; BROWN, Bill; BRUNO, Giuliana; BRYAN-WILSON, Julia; BURNETT, D. Graham et al. A Questionnaire on Materialisms. *October* 155 (January 2016): 3–110. © 2016 October Magazine, Ltd. and Massachusetts Institute of Technology.
- ARISTÓTELES. *Física, I-II*. Trad. Lucas Angioni. Campinas. Unicamp, 2009.
- ARISTÓTELES. *A Metafísica*. Trad. Edson Bini, 2ª ed. São Paulo: Edipro, 2012.
- BRYANT, Levi; SRNICEK, Nick; HARMAN, Graham. *The Speculative Turn: Continental Materialism and Realism*. Melbourne: re.press, 2011.
- CRISTOFOLINI, Paolo. Baruch Spinoza. In: PRADEAU, Jean-François (Org.). *História da filosofia*. Petrópolis: Vozes; PUC-Rio, 2012.
- DELEUZE, Gilles. *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- BORNHEIM, Gerd A. Sobre a linguagem musical – II. *O Estado de S. Paulo*, 16 de setembro de 1967. Suplemento Literário, p. 5.
- JOSELIT, David; LAMBERT-BEATTY, Carrie; FOSTER, Hal. (Eds.). *OCTOBER 155*, Winter 2016, pp. 3–110. © 2016 October Magazine, Ltd. and Massachusetts Institute of Technology.
- MANATA, Franz. O vento sem mestre. *Guilherme Vaz: uma fração do infinito*. Rio de Janeiro: Exst, 2016.
- NANCY, Jean-Luc. *Arquívoda: do senciante e do sentido*. São Paulo: Iluminuras, 2017.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu, 2018.
- WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.